

EDUCAÇÃO PÚBLICA: UM DESAFIO DIÁRIO

Danilo Cesar da Silva Carvalho (UEL)

Jean Carlo Barusso (UEL)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo expor como foi desenvolvida a atividade de estágio em Língua Portuguesa com duas turmas de 8º ano do ensino fundamental em um colégio estadual de Londrina – PR. Partiu-se da concepção de que o aluno não é um mero agente passivo dentro da sala de aula para selecionar e produzir os materiais didáticos utilizados nas aulas conforme as particularidades dos próprios estudantes. Além disso, neste artigo, foram relatadas algumas dificuldades encontradas durante o período de regência e sua relação com a estrutura da educação pública. Como conclusão, foi possível perceber a importância do estágio para a formação do professor e a necessidade de aproximar a universidade da escola pública.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores; ensino fundamental; práticas didáticas.

1 Introdução

O Estágio Supervisionado é uma atividade de grande importância na formação dos estudantes dos cursos de graduação. É por meio dele que os estagiários têm o contato com a escola e sua realidade, com professores do ensino público, alunos e com a experiência da profissão em suas várias facetas. Durante o período de observação, é de fundamental importância que se percebam as dificuldades gerais e algumas individuais para que se possa traçar um plano de ação nessas duas esferas. Sendo assim, é pela observação que os estagiários podem analisar como cada turma funciona diante de determinadas situações, explicações, métodos didáticos etc. Sabe-se que não é possível aplicar a mesma aula em turmas diferentes, sendo necessário que o professor adapte o conteúdo às particularidades de cada uma. A flexibilidade do universitário é importante para que o ensino não seja prejudicado, já que cabe a ele a responsabilidade da condução de suas aulas.

Uma questão a ressaltar é o fato de que as aulas podem sair do controle do estagiário, proporcionando-lhe um sentimento de frustração ao perceber que seu planejamento não se concretizou totalmente. As variações de humor e de comportamento dos estudantes podem exigir certa habilidade para que algumas dificuldades geradas em sala de aula sejam superadas. Saber lidar com a frustração de um dia que não saiu como o desejado é, de certa

forma, requisito dos professores diante do panorama atual. Entretanto, é nesses dias em que o estagiário deve fazer uma reflexão sobre sua aula a fim de buscar caminhos alternativos.

2 Ideal de educação

Quando se fala em sala de aula, muito se pensa em fileiras de alunos sentados, passivos, de modo a receber do mestre a mera transmissão de conteúdo, sem o devido processo de racionalização e reflexão sobre aquele conhecimento. A escola do século XXI precisa focar numa educação direcionada não só ao social, mas ao indivíduo em suas especificidades e permiti-lhe expressar-se, aprendendo e desenvolvendo o conhecimento de modo natural.

Além disso, a escola deve ser formadora de indivíduos capazes de fazer o essencial para a vida humana, desenvolver habilidades há muito perdidas do domínio popular após a industrialização. Pensando no indivíduo sem esquecer do coletivo, tem-se uma educação capaz de englobar necessidades do mundo atual, o que permite abrir espaço para a formação de uma sociedade que busque o bem comum, a sociedade da não depressão, do não acúmulo de bens, da não servidão. Está aí um grande entrave de nossa educação, a “capitalização” do processo que foca em um ensino nada libertador, cuja única função do educador é “transmitir” aos educandos um conhecimento, desconsiderando a realidade dos alunos e o que eles já sabem. Nesse processo, não se tem muito diálogo, não se abre muito espaço para o debate sobre os conteúdos, sua natureza e como isso se encaixa no mundo do educando. De acordo com Paulo Freire (2019),

[...] se para a concepção “bancária” a consciência é, em sua relação com o mundo, essa “peça” passivamente escancarada a ele, à espera de que entre nela, coerentemente concluirá que ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdos. É o de fazer depósito de “comunicados” — falso saber — que ele considera como verdadeiro saber. (p. 88)

Tal concepção sobre a educação está enraizada no sistema educacional público brasileiro. Na educação “capitalista”, a serviço do mercado de trabalho, dos cursos técnicos e dos vestibulares, não há espaço para um processo educacional que vise à formação de

cidadãos para viver e conviver no século XXI. É importante que se pense numa educação que traga muito além dos conteúdos programados, que permita aos indivíduos tomarem consciência de si e do mundo à sua volta, que propicie autonomia e que seja não alienante para que os males do “sistema de ensino industrial”, a serviço das classes dominantes, não cheguem à fase adulta dos indivíduos. Como ressalta Marx (2012),

Massas de trabalhadores, comprimidas nas fábricas, são organizadas de maneira soldadesca. Como soldados rasos da indústria, elas são submetidas à supervisão de toda uma hierarquia de oficiais e suboficiais. Não são apenas servos da classe burguesa, do Estado burguês: são também, todo dia e a todo momento, transformados em servos das máquinas por seu supervisor e, sobretudo, pelos próprios fabricantes burgueses. (p. 52)

O indivíduo alienado do seu processo de trabalho, da sociedade, dos seus direitos e deveres, é o produto de todo um processo fracassado no sistema educacional. O trabalho para mera sobrevivência, sem permitir ao trabalhador ter tempo suficiente para viver fora da ocupação laboral com qualidade, ter tempo para talvez estudar mais, para a família ou simplesmente aproveitar a vida que tem. Está aí o ponto em que culmina o indivíduo nesse processo de educação. Uma educação voltada ao mercado de trabalho não pode permitir que os indivíduos tenham tempo para pensar em questões relevantes à vida, a eles mesmos, à sociedade. É apenas o trabalho pelo trabalho, pelo dinheiro, pelo prestígio social, sem a beleza de se aproveitar as vocações das crianças, jovens e adultos para o bem social. Esse comportamento conivente com os interesses do mercado é reproduzido nas escolas, nos conteúdos, nas avaliações, no modo como se ensina e, talvez o mais importante, naquilo que não se ensina. É na contramão desse sistema criado para o fracasso social-individual que o professor e a escola precisam direcionar seus esforços, lutando contra a corrente da não educação.

3 Centralização do aluno na seleção e produção dos conteúdos

O estágio consiste em duas etapas divididas em quarenta horas. A primeira é realizada nas primeiras vinte horas que é reservada à observação. Na segunda, as vinte horas restantes são separadas para a regência dos estagiários, abrangendo desde a preparação até as aulas em sala. Durante o período de observação, foi possível analisar como as turmas se comportavam, bem como suas particularidades e dificuldades com relação aos conteúdos

trabalhados. Diante dessa realidade, foram produzidos materiais de apoio para os alunos utilizarem nas aulas ministradas pelos graduandos, os quais servem também como ferramentas de consulta e estudos posteriores. Foram abordados conteúdos que já haviam sido trabalhados, inclusive em anos anteriores, a fim de lembrar conceitos e esclarecer dúvidas que os estudantes ainda demonstravam, como a diferença entre morfologia e sintaxe, as diferenças entre os tipos de predicado e os tipos de verbos. Depois desse trabalho de revisão, foram preparadas aulas conforme a programação estipulada pelo professor regente.

Das atividades realizadas, as que mais cativaram os alunos foram as que trabalharam com textos literários e com música. Após os estudos de gramática, uso dos porquês e figuras de linguagem, foram apresentados poemas e prosas que tratavam do amor, sofrimento e superação, temas que os tocaram e fizeram com que se sentissem representados de alguma forma. Existia uma curiosidade quando se levava material extra para a sala de aula, sobretudo livros e material audiovisual. No caso dos livros, fossem de romance, comuns ou ilustrados, contos ou poesia, alguns alunos faziam fila para ver, folhear e ler. Também se mostraram muito receptivos quando se trabalhava com música – inclusive, os estudantes participaram de performances musicais, o que gerou atenção e engajamento. Após a execução conjunta, foi promovida uma discussão sobre o conteúdo e os recursos linguísticos utilizados na letra, contando com comentários de alunos que pouco participavam das aulas tradicionais.

4 Dificuldades na experiência do estágio e os pontos positivos

A experiência do estágio foi realizada em uma escola na região central de Londrina, no Paraná, em duas turmas do Ensino Fundamental (8ºD e 8ºE). Quando iniciaram as aulas ministradas pelos estagiários, ficou estabelecido que cada um daria aula para uma turma, deixando para o final uma troca com o intuito de proporcionar uma experiência diferente. Foi no período de regência que se percebeu o quão árduo se torna o exercício da profissão de professor. Neste caso, não houve tratamentos inadequados por parte de qualquer aluno tanto em relação aos estagiários quanto ao professor regente. A dispersão, a falta de foco, interesse e motivação eram alguns dos fatores que contribuíam. Além das salas lotadas, há outro e talvez um dos mais importantes problemas: os trazidos de casa.

Durante o estágio, foi presenciado o caso de alunos que não se sentiam bem emocionalmente, seja por transferência de outra escola, seja por problemas com a saúde, familiares e/ou pessoais. Houve casos de alunos chorando em sala de aula, necessitando de atendimento pela equipe pedagógica da escola e, posteriormente, encaminhados para retornar ao tratamento psicológico que havia sido interrompido; aluno que não sentia prazer algum no convívio escolar na maioria do tempo, vivendo uma espécie de microcosmo, ignorando tudo ao seu redor. Esses e outros empecilhos ao processo de educação foram trazidos já dos lares, o que torna a escola um ponto de descarga de frustrações, de busca por algum prazer, seja por meio dos dispositivos digitais ou pela convivência com os colegas. Dando atenção e conversando com eles, percebe-se o quanto têm a dizer. Outro fator importante é a estrutura da escola: há pouco espaço no pátio para que atenda de forma adequada a todos os alunos, pouca presença de plantas, não há bancos e espaços agradáveis para que possam relaxar durante o intervalo. É tudo de concreto, cinza e sem vida. Compreendido todo o contexto, contornar os problemas foi a motivação das aulas preparadas, as quais foram customizadas para suas respectivas turmas. Também é necessário comentar o quão fundamental foi o trabalho do professor regente, que se mostrou muito prestativo ao orientar os estagiários em relação ao desenvolvimento das aulas.

Vale ressaltar uma aula em especial que aconteceu durante o período de reposição³. Foi feita uma atividade de retomada de leitura de livros da biblioteca que traziam textos curtos com pequenas histórias. O texto anterior trabalhado havia sido terminado e se seguiu ao próximo que tratava de preconceito e machismo. Abordava⁴ a história de um garoto que queria dançar balé e somente sua mãe o apoiava. O livro não mencionava nada com relação à sexualidade do menino, era apenas um garoto que gostava de balé. Não demorou muito para que os próprios alunos começassem a discutir sobre o assunto e dominassem o debate, deixando os estagiários e o professor regente mais como ouvintes daquilo que eles tinham a dizer. Ficou nítido que eles desaprovavam a rejeição do menino pela família. Em seguida, relataram como já ouviram discursos homofóbicos em contextos familiares e que os reprovavam. Disseram ser algo ruim, que não gostariam daquela situação para seus filhos. É

³ Reposição das aulas que não foram ministradas durante o período de greve no 2º semestre de 2019.

⁴ O texto se chama “Preconceito e machismo” pertencente a uma coletânea de histórias que vinham em livros da biblioteca da escola.

interessante notar que, a partir de um texto, eles criaram e conduziram um diálogo sobre que vai além da tolerância: a empatia, o entendimento e o respeito. Tudo ocorreu sem os estagiários ou o professor regente precisarem fazer qualquer tipo de direcionamento. É importante notar que, se pensam assim, logo serão agentes de um processo que criará um ambiente escolar mais seguro e agradável aos alunos que possuem diferentes sexualidades e identidades de gênero. Esse fenômeno não é por acaso, mas vem também de um processo de décadas o qual dá voz para que os alunos possam expressar sua sexualidade livremente no ambiente escolar sem que possam sofrer por isso.

5 Empecilhos estruturais da educação pública

Há uma série de documentos, leis e resoluções que determinam como as condições dos ambientes educacionais devem ser estruturadas. Um dos principais são Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013), as quais informam que

Para se estabelecer uma educação com um padrão mínimo de qualidade, é necessário investimento com valor calculado a partir das despesas essenciais ao desenvolvimento dos processos e procedimentos formativos, que levem, gradualmente, a uma educação integral, dotada de qualidade social: creches e escolas possuindo condições de infraestrutura e de adequados equipamentos e de acessibilidade; professores qualificados com remuneração adequada e compatível com a de outros profissionais com igual nível de formação, em regime de trabalho de 40 horas em tempo integral em uma mesma escola; definição de uma relação adequada entre o número de estudantes por turma e por professor, que assegure aprendizagens relevantes; pessoal de apoio técnico e administrativo que garanta o bom funcionamento da escola. (BRASIL, p.23)

Entretanto, nem sempre as determinações são seguidas. Por exemplo, segundo uma Nota Técnica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP –, em 2013, apenas 62,5% dos professores de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental no Brasil tinham formação superior na área, contrariando a proposta de qualificação dos professores. Outro ponto fundamental é a quantidade de alunos por turma. No Paraná, esse número é definido pela Resolução 4.527/2011 da Secretaria de Estado da Educação – SEED –, a qual estabelece que, para o oitavo ano do Ensino Fundamental, o mínimo é de 30 estudantes e o máximo é de 35. No entanto, conforme informado pelas pedagogas, os profissionais que atuam dentro da sala de aula não participam da decisão.

Segundo dados do Inep, a média de alunos por turma dos Anos Finais do Ensino Fundamental em Londrina é de 29,4. No colégio em questão, há 19 turmas e 631 matrículas, o que resulta em uma média de 33,2. As duas turmas do estágio, por exemplo, possuíam mais de trinta alunos. Essa condição, apesar de adequada aos parâmetros propostos pela SEED, dificulta muito o trabalho de acordo com os professores.

6 Considerações finais

O Estágio Supervisionado é essencial para que o graduando possa conhecer a realidade da atuação no dia a dia. A partir dessa experiência, toma-se conhecimento de dificuldades que podem surgir em sala de aula, dos problemas estruturais e dos melhores métodos para a construção do conhecimento.

O objetivo era propor uma mudança na forma de abordar os conteúdos dentro das exigências do sistema educacional, bem como aproximar as questões trabalhadas da realidade do aluno por meio escolha dos temas, dos gêneros textuais e da linguagem.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

_____. INEP. **Indicadores Educacionais**. Disponível em:
<<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>> Acesso em: 12 set 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. 256p.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. 1ed. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2012. 112p.

PARANA. SEED. **Coletânea de Legislação Educacional**. Disponível em:
<<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/coletaneas/coletanea2011.pdf>> Acesso em 12 set 2019.